

DANIEL MASTRAL
ISABELA MASTRAL

FILHO DO
FOGÃO VOL.1

A SEMENTE DO MAL





DANIEL MASTRAL
ISABELA MASTRAL

FILHO DO
FOGÃO VOL.1

1ª Edição
2022

A SEMENTE DO MAL



Copyright© Daniel Mastral, 2022
Copyright© Editora Arcádia, 2022

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão da editora.

Editor executivo
Edivaldo Dias
Produção editorial
Editora Arcádia
Revisão Ortográfica e Gramatical
Rebecca Pessoa
Ilustrações internas
Luciana Souza/Lise Katori
Ilustração de Capa
André Martuscelli
Diagramação/Montagem de capa
Joy designer editorial

Todos os direitos desta edição reservados à
E.A EDIÇÃO DE LIVROS EIRELI.
EDITORA ARCÁDIA
CNPJ: 24.227.158/0001-67
www.editoraarcadia.com.br

Para
Me C

Esta é uma história baseada em fatos reais.
Nomes de pessoas, empresas, escolas e cidades foram modificadas para
preservar a identidade dos mesmos.

Aviso importante

O texto em questão utiliza linguajar coloquial e regionalista, sendo assim, apresenta muitas gírias e jargões próprios ao período e localidade à que se refere. Nenhum dos termos é de difícil compreensão.

Sumario

[PRÓLOGO](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)



PRÓLOGO

A moça de vestido azul caminhava segurando a pesada maleta contendo os cosméticos que vinha vendendo há pouco mais de dois meses. Era a solução, sem dúvida, depois daquela terrível ordem de despejo. Ela era jovem, bonita e a aparência bem - cuidada tinha ajudado a conseguir aquele trabalho.

Raramente ela perdia o bom humor. Apesar da pouca idade, sabia que a vida nem sempre é fácil. Estava acostumada.

Só que o marido fizera com ela algo realmente inominável! Ele a enganara. A fizera acreditar que tinha muito dinheiro, passou - se por um dono de muitas terras quando, na verdade, aquele sítio tinha sido alugado pela Empresa onde seu sogro trabalhava, para um churrasco dos funcionários.

Mas ela acreditara que ele era o grande “senhor feudal”. Afinal, foi isso o que lhe disseram.

— Até onde seus olhos enxergam... é tudo meu! — exclamara, com orgulho, o futuro marido.

Como ela tinha sido ingênua! O namoro e o noivado não duraram mais do que três meses. Pediu demissão e se casou.

Mas a grande “surpresa” ficou reservada para depois da lua de mel. Nem emprego ele tinha! E agora não havia saída.

Eles se viraram como podiam. Foi uma sucessão de desconfortos que durou sete longos meses. Então veio a ação de despejo após vários aluguéis não quitados.

Ela voltou para a casa dos pais. O marido teve que fazer o mesmo. Ficaram meses separados. No entanto, a situação não melhorava, realmente não parecia vir nada de bom para eles. Ela tinha se casado apressadamente para poder ficar livre do pai. Agora estava lá novamente... e sem um emprego decente!

A única alternativa que apareceu foi vender aqueles cosméticos de porta em porta pelo bairro. Não dava muito, mas era o suficiente para poder manter a cabeça erguida diante do austero pai.

Naquela tarde ela vinha caminhando devagar, pensando nas recentes agruras que teimavam em avolumar - se, quando um carro grande e bonito

encostou poucos metros à frente. O vidro automático desceu e um homem sorriu enquanto olhava para a maleta que ela carregava.

— Isso deve estar meio pesado para você, não?

Ela devolveu o sorriso, apesar da frustração que carregava na alma.

— Eu aguento bem!

— Quer uma carona até em casa? Você deve estar indo para casa, suponho.

Ela olhou para o rosto dele. Era simpático, sorridente. *Ora, grande coisa!*, pensou. Aceitou.

Depois disso, volta e meia ele a encontrava pela rua. Oferecia carona, às vezes um café.

Era engraçado como aquele jovem interessante sabia ser tudo o que o marido não era. Já fazia seis meses que ela estava na casa dos pais e nada dele conseguir outro emprego.

Mas aquele homem era diferente, sempre dizia as palavras certas, sempre escutava, sempre compreendia. Era charmoso e sensível. E parecia estar muito bem de vida. Muito bem mesmo, a julgar pelos ternos de corte impecável, o carro cheio de estilo e a conversa polida e culta.

E quando ele a levava para tomar café era sempre muito delicado, muito educado. E muito sedutor. Parecia adivinhar o que ela desejava.

Toda mulher sonha... Como seria bom se ela pudesse esquecer aquele malfadado casamento...

Um dia ele a convidou para conhecer onde morava. Ela não tinha nada a perder com aquilo. Foi. Mas a experiência não foi boa. Nem chegaram realmente à casa dele. Ela estava curiosa para saber como era um desses lugares onde os casais vão apenas para... estarem juntos!

Aceitou a proposta. Entrou.

Mas ele se transformou tanto!

De repente, durante o ato, já não parecia a mesma pessoa. Seu rosto estava esquisito, diferente, como que transfigurado. E ele pronunciava algumas palavras estranhas. Será que estava falando com ela em outra língua?! Não a forçou a nada, mas foi algo bastante violento. No coração dela ficou uma certeza: não queria mais vê-lo.

Só que aquele homem também nunca mais a procurou. Do mesmo jeito estranho que surgira, assim foi o seu sumiço.

Depois que passou um pouco a culpa, confessou à mãe o ocorrido. Ela o havia visto algumas vezes e ambas tomaram a decisão que pareceu mais

acertada: confessar ao padre e rezar uma novena. Depois disso, a moça suspirou de alívio e considerou - se perdoada.

No entanto, não pudera contar com o imprevisto: em poucas semanas descobriu a gravidez.

Logo depois do ocorrido, a sorte pareceu ter voltado a acenar para ela. O marido conseguiu um emprego e ela, mais do que depressa, voltou a viver com ele. Mesmo assim, quando a criança “prematura” nasceu, ele não estava totalmente convencido de que o garoto era, de fato, seu filho.

A moça não pôde sair logo do hospital porque o bebê ficou alguns dias em observação após um parto difícil.

Estava preocupada com o bem - estar da criança. Foi quando aquela mulher entrou no seu quarto. Vestida com um avental branco, apresentou - se como voluntária na Capelania Católica da Maternidade.

— Não se preocupe com o seu filho. Ele vai ficar muito bem! — disse, procurando consolá - la. — Vamos rezar pelo seu menino? A senhora tem que consagrá - lo para um Santo e pedir diretamente a ele.

— Não sou devota de nenhum!

— Que coisa, mas isso pode ser remediado. É muito importante consagrar as crianças assim que elas nascem. E os Santos que aparecem na Bíblia são mais poderosos do que aqueles que não aparecem.

A Capelã tomou uma Bíblia e abriu em determinado lugar. Esticou a página, apontando com o dedo para um nome: Leviathan.

— Vamos consagrar o seu filho para São Leviathan? Aí ele vai ficar ótimo, você vai ver.

Assim o fizeram.

Ela acabou guardando na cabeça aquele nome. Nunca sequer desconfiou que “São Leviathan” não era e nem nunca tinha sido Santo.

E ainda mais improvável seria supor que todo o romance com aquele estranho havia sido premeditado.

INTRODUÇÃO

Ninguém acreditava que eu “daria em alguma coisa”. Recentemente vinham me ameaçando com o internato; a ideia não era nada agradável. Aquela frase, “dar em nada”, me revoltava. Mas se viver e não chegar à coisa alguma era bem pouco interessante, por outro lado também significava fugir do sistema opressor imposto pela sociedade. Significava liberdade. E eu preferia esta segunda opção.

Naquela época, eu era pouco mais do que um garoto, embora já me julgasse homem feito – em pouco mais de seis meses completaria 18 anos; era bastante tempo de vida.

À noite eu estudava, estava cursando o técnico em Administração de Empresas. De manhã eu completava o quarto ano de Química Industrial; interessante em termos de conhecimento, mas inócuo em nível profissional. Pelo menos para mim.

Afastei o cabelo da testa, olhando para o relógio de pulso: era hora de sair do serviço. Desci pelas escadas, sem paciência de esperar o elevador, e fui recebido pelo ar abafado da Avenida Paulista. Sentia o corpo cansado e a tensão acumulada me pesava um pouco. Decidi que precisava apenas de um pouco de paz e sossego!

Eu era o mais velho de três irmãos, considerado o “filho rebelde” por toda a família. Analisando hoje com calma, reconheço quanta dor de cabeça causei aos meus pais com minha índole audaciosa, curiosa, inquieta e agressiva. O simples mencionar do meu nome já cheirava a confusão.

Meu maior problema, digamos, era o tal do “limite”. Por que tudo tinha que ser tão cheio de regras? A sociedade, a escola, a família! De uma forma ou de outra, eu queria enfrentá-las e quebrá-las; não suportava nada imposto. Eu criava meus próprios limites.

Atravessei a rua sentindo o vento morno no rosto enquanto pensava aonde ir. O tão almejado período de refrigério era sinônimo de isolamento, o que, para mim, era terrível. Eu adorava andar em bando com meus amigos; a liberdade era total! Ninguém me dominava, ninguém me dizia o que fazer e o que não fazer. As regras eram o que menos importava. Mas... às vezes precisava estar só.

Nessas ocasiões, eu ia para algum parque público “ver o verde” ou, mais comumente, às bibliotecas, que adorava frequentar – esta outra faceta

da minha personalidade era quase um paradoxo quando comparada à primeira. No entanto, esses momentos passados comigo mesmo sempre me proporcionavam a restauração do equilíbrio perdido.

Eu era ávido por conhecimento desde criança e quase tudo me interessava. Vasculhar as grandes estantes da biblioteca do Centro Cultural São Paulo era um lazer no qual muitas vezes eu me perdia, esquecido do tempo, passando horas e horas a pesquisar sobre os mais diversos assuntos: Astronomia, Filosofia, Esportes, um pouco de Física e Química e muita, muita História.

Naquela tarde, decidi realmente ir ao Centro Cultural espairecer a cabeça.

O clima estava pesado, fumacento e havia muito barulho de trânsito, mas isso não me incomodava. Fui devagar, olhando as coisas e as lojas ao longo do caminho, sem pressa. Comprei uma Coca - Cola para acompanhar o saquinho de amendoim japonês.

Entrei na biblioteca, e aquela sensação gostosa que sempre me invadia quando podia escapular para lá, me preencheu. Estava tão tranquila! Podia ver apenas uma ou outra pessoa de longe, perdida no vasto salão. Gostei daquilo.

Fui primeiro ao setor de *braille* para ver se encontrava algum cego; adorava conversar com eles! Sua visão do mundo era muito mais perceptiva, sensível e inteligente do que muitos “seres enxergantes” que eu conhecia. Eu ficava fascinado com muitos deles. Gostavam de conversar. E não me enxergar ajudava – acho que somava certa carência da minha parte com a própria solidão deles, e assim batíamos muitos papos amigáveis.

Naquele dia eu queria encontrar um cego para debater a questão: como eles criariam um filho, caso o tivessem? Talvez fosse apenas uma busca minha, uma solução para os meus próprios conflitos familiares. Não que eu desse muita bola para o que meus pais diziam, mas ser sempre a “ovelha negra” me entristecia um pouco. Eu não tinha má índole, apenas energia demais para gastar e muita imaginação.

A seção de *braille* estava às moscas.

Na falta do meu cego, tratei de separar alguns livros de esportes que vinha lendo, pois estava estudando sobre maratona e “Teste de Cooper”. Mergulhei nos livros em uma mesa de estudos e logo perdi a noção do tempo, completamente absorto na leitura.

O ambiente respirava tranquilidade, placidez e ali a temperatura estava agradável. Eu escutava, vindos de longe, os roncoss da Avenida Vergueiro. Réstias de sol iluminavam o chão e as mesas, entrando pelas janelas aqui e ali. Eu me considerava em paz. E estava sozinho.

Quando me dei conta, ele estava ao meu lado.

Acho que eu estava muito entretido, pois não o vi entrar e, menos ainda, sentar. Notei a presença de alguém ao meu lado, mas custei a desviar a atenção dos livros.

Encafifado, desviei sorratamente os olhos, de esguelha, sem virar a cabeça em sua direção. Reparei que ele lia uma enciclopédia, a mesma com a qual eu estivera entretido não fazia muito tempo.

Achei tudo aquilo muito chato. Fingi ler, mas pensava comigo mesmo, já irritado: “Com tanto lugar nesta biblioteca vazia, este sujeito vem sentar justo na cadeira ao meu lado!!!”.

Fechei o livro com força e me levantei ostensivamente.

Então ele falou comigo, sem erguer o rosto:

— Não vá embora, Daniel, eu preciso falar com você. — Aquele “preciso” soou estranhamente enfático; em nada se parecia com um pedido. — Eu não sou o que você está pensando.

Ele havia me chamado pelo nome!

Um tanto intrigado, perguntei com certa brusquidão:

— Você me conhece?!

O desconhecido ergueu o rosto e me olhou diretamente pela primeira vez.

— Eu vim por causa disso. — Apontou o livro. — Eu conheço isso aí. Li há pouco tempo. — Ele procurou ser afável, esboçando um leve sorriso, ainda que mantivesse o tom firme que me intrigava. — Sente-se aí para conversarmos — convidou, mas não me convenceu.

Não era preciso muito tempo para perceber que se tratava de uma pessoa de alto poder aquisitivo e fino trato. E bem mais velho do que eu. Como se não bastasse, tinha a enciclopédia aberta exatamente naquele artigo.

— Eu nem te conheço — tentei, mas ele me interrompeu:

— O meu nome é Marlon. Recentemente você tem escrito cartas e se correspondido com São Francisco, na Califórnia. — Era uma afirmação. — Por causa disso é que eu vim.

Engoli em seco, engasgado com a colocação. Deveria haver algum engano. Procurei me ater à lógica, mas as ideias se misturavam, vindo em borbotões à minha mente... *Como aquilo teria acontecido? Será que eu tinha feito alguma besteira!? Como ele sabia das cartas?! Será que ele também havia escrito? O que ele queria de mim, afinal?*

Marlon estendeu - me a mão com gentileza e sobriedade. Eu retribuí o gesto automaticamente, a cabeça fervilhando, os olhos correndo pelo salão. Repassei num ápice de segundo:

Isso aqui deve ser alguma cilada... deixa ver... Será que alguém descobriu que fui eu que depredei e pichei a escola? Ou então... o Márcio dedurou que era eu quem estava passando droga no Colégio Jardim Suíço! Ele foi guindado pelo camburão e pode ter aberto o bico!

Apalpei de leve os bolsos e respirei aliviado: *Estou sem drogas comigo, que sorte!!!*

Apesar do rumo dos meus pensamentos, aproximei - me dele e arrisquei. Era melhor deixar a lógica de lado, se aquele sujeito realmente estava ali por causa das cartas.

Meu tom foi de espanto:

— Poxa, mas... você veio de lá?! — Foi a primeira coisa que me ocorreu.

Marlon não fingiu desentendimento.

— Não, sou daqui mesmo — respondeu com calma. E, olhando diretamente para mim, inquiriu: — Você sabe onde está pisando, garoto?

Nós sabíamos bem do que falávamos, e essa compreensão mexeu com meu ego. *Quem ele pensa que é?! Eu sei muito bem onde estou pisando.*

E alto:

— É claro que sei — revidei com desdém e olhar irônico.

Marlon deu um leve sorriso, como que já esperando por aquela reação. Ele parecia me conhecer e aquilo me causava bastante incômodo – além de me deixar curioso. Mesmo assim, mantive a guarda alta.

Será que andaram me espionando?...

Mas ele parecia descontraído... Não fez qualquer pergunta a meu respeito.

Acomodando-se melhor na cadeira, voltou - se para o livro e comentou:

— Esta não é a única Base, existe outra em outro ponto do mundo, e serão muitas mais tarde. Além das Bases, há centenas de grupos fechados

em quase todos os países, inclusive aqui no Brasil — disse de forma corriqueira, natural, alternando o olhar entre o livro e o meu rosto cada vez mais espantado.

Estranhei que a informação viesse tão fácil. Realmente, há cerca de oito ou nove meses eu me correspondia com São Francisco. Foram muitas idas e vindas, mas, estranhamente, há três meses eu não recebia nenhuma resposta. Pelo menos até o presente momento.

— Por que você está me falando tudo isso? — Meu tom foi mais brando desta vez, mas eu ainda não estava totalmente à vontade.

— Ué?! — Marlon passou a mão distraidamente pela barba bem-feita. — Faz quase um ano que você escreve perguntando as mesmas coisas e demonstrando interesse em adquirir este tipo de conhecimento. Faz um ano que você recebe as mesmas respostas e responde as mesmas perguntas. É engraçado, não, quando acontece... você duvida?!

Difícil acreditar. Involuntariamente, meu corpo se inclinou para mais perto dele e eu apertei os olhos para fitá-lo melhor. Era absolutamente inacreditável!

— Mas, então... você é um...? — Não cheguei a completar a frase.

Marlon girava lentamente o anel que tinha no anular esquerdo. Mantinha o ar sóbrio, mas parecia levemente divertido com minha reação.

— Isso é só uma questão de nomenclatura, Daniel.

Decididamente ele dissera a coisa certa. Eu me acomodei de vez, disposto a ouvir. Nem sabia o que perguntar primeiro.

— Mas como você sabia que eu... era *eu*?

— Você mandou uma foto, não foi? Eu tinha seu endereço e todos os seus dados. Não foi difícil encontrá-lo.

— Mas eu não estou em casa agora!

— É através do endereço que normalmente as pessoas são encontradas, mas este não é o único caminho. Com o tempo você também aprenderá isso. Eu olhava para ele sem dizer palavra.

O que será que ele estava insinuando? Como ele podia saber que eu estaria ali àquela hora?

Reservei-me o direito de perguntar. Eu tinha lá comigo a intuição de que as respostas viriam mesmo sem que as perguntas fossem feitas.

Acomodei o cotovelo sobre a mochila jogada em cima da mesa e meus olhos não se desviaram mais do rosto dele.

Simpático, Marlon sorria sempre. Teria talvez uns 40 ou 42 anos, tez pálida e traços que lembravam uma descendência sírio - libanesa. Usava um blazer de corte fino e elegante, preto, com camisa esporte clara. O anel era claramente de ouro, bem como a grossa corrente ao pescoço e os pequenos broches esquisitos na lapela. Reparei no tremendo Rolex.

Depois daquele encontro *sui generis*, começamos a enveredar para assuntos mais interessantes.



Somos frutos do passado. Nossa história de vida e as experiências da infância são responsáveis por muitas das decisões que tomamos no futuro. Eu não poderia falar de mim mesmo sem começar do começo.

Afinal, tudo tem um começo.



Eu estava com seis ou sete anos. Era um tempo bom.

Após minha família ter passado por vários percalços financeiros, meu pai finalmente se estabilizou no trabalho. Nessa época, éramos apenas eu e meu irmão Roberto; o caçula, Otávio, ainda não era nascido. Nós morávamos na região de Interlagos, próximo à represa de Guarapiranga, numa casa que, para mim, sempre terá aquele “sabor de infância” gostosa; com jardim, quintal e muito o que explorar ao redor.

Havia o que se poderia chamar de fartura em nosso lar. Eu tinha um quarto só para mim, além da minha própria televisão; os armários da cozinha estavam sempre abarrotados de coisas boas. Nós também éramos sócios de um clube da época e eu iniciei minha alfabetização em escola particular.



Desde que me conheço por gente, sempre gostei de “estudos”.

Tudo começou com as aranhas: eu as capturava e guardava em potes de vidro cobertos com redinhas, para respirarem bem. Dava - lhes alimento, às vezes até gafanhotos. Eu gostava de estudar o seu comportamento. Elas me fascinavam tanto! Cheguei a ter uma dúzia.

Minha mãe permitia que eu as guardasse dentro do quarto desde que cuidasse para que não escapulissem pela casa.

Eu vivia lidando com elas, aprendendo pela observação.

Havia dias em que eu promovia guerras de aranhas.

Manfreda era grande e imbatível, ninguém era páreo para ela. Ela ficou comigo muito tempo.

Eu também gostava de formigas. Costumava apanhar formigueiros com uma pá de lixo e os colocava também em recipientes de vidro. Aos poucos elas tornavam a cavar seus túneis e reorganizavam o formigueiro. Observá-las era outro dos meus passatempos prediletos. Até no meio da noite, se acordasse, refletia comigo mesmo: *Será que as formigas estão dormindo?*. Então saía silenciosamente da cama, acendia minha lanterninha e espiava; e não é que sempre tinha algumas formigas acordadas?! Aqueles bichinhos nunca paravam.

Meus “estudos”, naturalmente, eram particulares. Eu me entretinha muito bem sozinho, mas também havia tempo de sobra para brincar com a molecada da rua.

Certa vez, meu pai levou meu irmão Roberto e eu num parque de diversões perto de casa. Recordo-me do fato como se fosse hoje: o Roberto quis conhecer o trem - fantasma e meu pai concordou:

— Mas é tudo brincadeira, hein? Não precisa ter medo — avisou ele.

Eu nada disse, mas não estava lá muito convencido. Eu costumava ter medo do escuro, não sei o porquê, mas como eu era o mais velho – quase quatro anos a mais que o meu irmão – tinha a obrigação de “ser macho”.

Não dei um pio, mas fiquei de olhos fechados todo o percurso; só escutava a choradeira e os berros do Roberto misturados às risadas do meu pai. Não vi nada. Nada! Só queria que tudo acabasse.

— Que bobeira, Beto! É tudo de mentirinha. Eu não tive medo. — Fiz questão de deixar bem claro tão logo saímos do trem - fantasma.

— Tinha uns bichos lá — dizia ele, fungando. — Eu não gostei nem um pouco.

De repente fiquei curioso: *O que será que tem lá dentro, afinal?...*

— Pai, vamos de novo? Eu queria ver de novo! — pedi.

— Não, não, não! Meu dinheiro não é capim. Nós acabamos de sair de lá, vamos comprar um picolé.

Insisti um pouco mais, só que não adiantou nada.

Acabei sem ver o trem - fantasma.



Atribuo meu medo de escuro aos fatos ocorridos na casa de minha avó. Nós sempre íamos visita - la, mas meu avô detestava a bagunça que nós,

crianças, fazíamos. Lembro - me bem daquele seu gesto já tão característico: nem bem assomávamos à porta e ele se benzia, como que para proteger - se – ou, no caso, livrar-se. Mas acho que nós é que precisávamos de “proteção”, pois ele vivia a nos assustar. Nos enchia de medo falando de fantasmas; cobria a cabeça com lençóis e, segurando um toco de vela acesa na boca, com as luzes apagadas, inventava histórias de gente que pegava crianças.

Subir para os quartos era proibido. Já bastava a bagunça e correria no andar de baixo. Mas havia algo que, para nós, no nosso mundinho de criança, tinha uma atração incrível: Lulu. No quarto dos meus avós, dentro do armário embutido, ela estava soberanamente entronizada numa prateleira alta: a cabeça de isopor com a peruca preta de minha avó.

Meu avô vivia nos assustando com a lulu e dizia que ela viria nos pegar no escuro se subíssemos para o andar de cima. E nós acreditávamos que aquela cabeça de isopor, com peruca e tudo, podia sair voando e nos atacar.

Uma noite meu avô distraiu - se na cozinha e eu aproveitei a oportunidade para subir escondido, esgueirando - me de gatinhas pela escada. A grande aventura dava um friozinho na boca do estômago; um misto de medo e uma indescritível sensação de ousadia.

Todos estavam lá embaixo; atravessei o corredor e coloquei a cabeça para dentro do quarto. A janela, de meia folha, deixava entrever o ambiente coberto pela penumbra. Rumei decidido até o armário. Havia uma pequena luz vermelha dentro dele e eu a acendi bruscamente: ali estava a Lulu, lá em cima, meio fora de alcance. Estava tão feia! Fiquei encarando-a por bastante tempo, analisando os detalhes, e, quase sem perceber, comecei a raciocinar comigo mesmo:

Isso é só isopor... não faz mal para ninguém... Como é que eu pude ter medo de um pedaço de isopor???

Decidindo - me, peguei a vassoura que estava em um canto e derrubei a Lulu no chão. A peruca voou longe. Eu a tomei nas mãos, revirando - a de todos os lados. A sensação do cabelo roçando a pele era tão esquisita!

Fiquei revoltado. Tanto tempo com medo daquilo! Que medo bobo! Não era justo. Num ímpeto, comecei a socar a cara de isopor com força, e aquilo foi gostoso.

— Roberto! Roberto! Venha aqui! — Havia me esquecido completamente que eu não deveria estar lá em cima.

Eu queria que meu irmão visse aquilo, pois ele também não deveria mais ter medo da lulu. Roberto chegou e eu estava feroz:

— Olha aqui! Olha só o fantasma! — gritei injuriado. — Venha socar a cara dela!

Ficamos os dois amassando a cara da lulu até que nossas mãos começaram a machucar.

Achei a solução!

— Beto, vai lá embaixo e traz uma faca. De ponta! — Eu havia perdido o medo.

Destruímos a lulu por completo; tanto a cabeça de isopor, que ficou toda esfaqueada, como a pobre peruca que terminou em pedaços pelo chão.

Juntamos os restos mortais num pequeno montinho que foi enfiado de volta no armário sorrateiramente. Ninguém percebeu nada.

A bronca sobrou para minha mãe, dias depois. Meu avô estava histérico:

— É o que eu digo sempre!!! — berrava. — Estes demônios! Filhos de satanás! Olha só o que eles fizeram com a peruca da sua mãe!

Esta parte da história deixou de ter importância para mim. A minha descoberta é que tinha valor e, de fato, estes episódios acabaram sendo uma espécie de marco na minha vida: o trem - fantasma e o confronto com a “monstruosa” lulu.

Não sei como explicar, mas eu não tinha mais medo de tudo aquilo. Escuro, monstros, fantasias assombradas... No caso do trem - fantasma, usei uma lógica inconsciente: tudo estava bem e não havia motivo para medo se, após o passeio, nós simplesmente fomos tomar picolé. E a lulu... eu mesmo descobrira a verdade sobre ela.

Na minha cabeça, mesmo tão infantil, inconscientemente introjetei aquela ideia... de que se o desconhecido se torna conhecido e palpável, o medo desvanece.

Havia algo dentro de mim, eu ainda não o sabia. Mas era uma força poderosa que, durante toda a minha vida, iria impulsionar - me rumo ao desconhecido.



Chegou a época das férias. Os dias tornaram - se ainda melhores para os pequenos.

Subia em árvores, roubava frutas; eu e os outros moleques da rua inventávamos novidades todos os dias.

Naquelas férias eu destruí as rodas do meu primeiro kart. Eu não conseguia ficar quieto. Era um kart de pedal, e eu levava, encarapitados comigo, tantos amigos quanto pudesse. O objetivo era pedalar a toda e brecar de repente, para dar derrapadas malucas. As rodas eram de borracha maciça e gastaram tanto por causa das derrapagens no cimento que ficaram quadradas.

Com as ruas e as crianças da vizinhança ao meu dispor, deixei de lado as aranhas e formigas; eu já as estudara bastante. Mas quando não estava com a turminha, sentia falta de algo e precisava de coisas que dissessem respeito só a mim. Acabei por encontrar meu novo passatempo nas horas que passava acordado noite adentro.

Até aquela fase da minha vida, eu não estava acostumado a deitar tarde. Isso começou naquelas férias e eu acabei me apaixonando pelos filmes que passavam à noite na TV. Mas não era qualquer tipo de filme! Descobri que toda sexta - feira, lá pelas onze da noite, exibiam filmes de terror. Eu nunca vira nada parecido antes e aquilo meio que me enfeitiçou.

O primeiro filme que assisti foi de vampiro. Para ser mais correto, Drácula, e era uma comédia. Aquilo deu início a uma verdadeira febre.

Na minha curiosidade pelo personagem, assisti a todos os filmes possíveis e imagináveis de Drácula e vampiros.

Meu interesse não tinha fim. Os hábitos daqueles estranhos seres não me saíam da cabeça.

Fui à biblioteca da escola procurar livros que me contassem mais a respeito deles; nada encontrei além de histórias infantis e enciclopédias para estudantes. A moça da biblioteca disse que havia outros lugares onde eu poderia encontrar livros e, pela primeira vez, pedi a meu pai que me levasse a uma biblioteca pública. Ali encontrei o que queria e li sobre todas as lendas e as prováveis histórias do incrível personagem.

Parece estranho, mas eu “torcia” para o Drácula nos filmes. Como odiava os grandes matadores de vampiros! Em alguns filmes ele ganhava, contudo, no final, no meio de uma névoa de vapor, ouvia-se uma risada sarcástica, e ficava implícito que ele não havia vencido! Eu ia dormir regozijado, raciocinando comigo: *Poxa, é a natureza dele, o jeito dele. Não dá para mudar. Ele se alimenta de sangue, precisa disso para sobreviver.*

Então me voltava para a parede, pensativo. *Coitado!*

Passei a desenhar freneticamente histórias em quadrinhos. Meu personagem principal: um vampirinho. Só que nas minhas histórias, o “mal” sempre ganhava. Porque não era um “mal” real; eu entendia o vampiro simplesmente como um ser de natureza peculiar. Da mesma forma, o leão não é “mau” porque mata para comer.

Acho que meus pais nunca entenderam porque eu não desenhava casinhas, lagos de patos e montanhas ao fundo. Nem famílias com cachorrinhos. Era só o vampirinho de sempre, e um castelo mal-assombrado, um cemitério e coisas assim.

Quando esgotei o assunto sobre vampiros, a nova saga foi descobrir tudo sobre lobisomens, que passou a ser o novo herói do meu pequeno mundo e virou personagem das minhas histórias.

Eu simplesmente gostava daquilo. Àquela fascinação me acompanhou desde criança.

Mais tarde meu interesse tomaria outros rumos.



Eu olhava fixamente para Marlon. O resto da biblioteca parecia não existir.

— Sua ficha foi analisada e chegamos à conclusão de que você tem muito potencial a ser explorado. Cremos que é chegada a hora de todas estas coisas finalmente aflorarem. Será bom você ser apresentado.

— Apresentado?...

— Se você realmente estiver disposto, é claro. Na verdade, a escolha é totalmente sua. Nós estamos apenas lhe dando a oportunidade de fazer isto.

Eu não sabia direito como responder. Que o meu prazer seria imenso... indescritível, maravilhoso! Tentei organizar os pensamentos, mas ele continuou antes que eu respondesse:

— Não sei ao certo o quanto você sabe sobre tudo isso, a Sociedade e suas Bases. Em poucas palavras: destina - se a estudar o Oculto. De início, eu o convido a assistir algumas aulas com outras pessoas. — Ele usava um tom amistoso, mas ligeiramente impositivo.

Não fazia parte da minha natureza aceitar este tipo de coisa, mas eu queria descobrir o que havia por trás daquele estranho homem. Marlon emanava uma aura densa de mistério, eu quase podia senti - la.

Ele havia me desarmado logo de cara ao dizer que viera especialmente por minha causa. Eu nunca escutava isso de ninguém, ainda mais de alguém

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Série Filho do Fogo - Volume 1: A seme..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).